



REINO UNIDO

Segredos de Harry abalam a família real

Autobiografia do príncipe provoca tensão na monarquia, ao abordar agressões cometidas por William, uso de drogas, intimidades e execução de talibãs durante serviço militar. Especialistas avaliam impacto das revelações

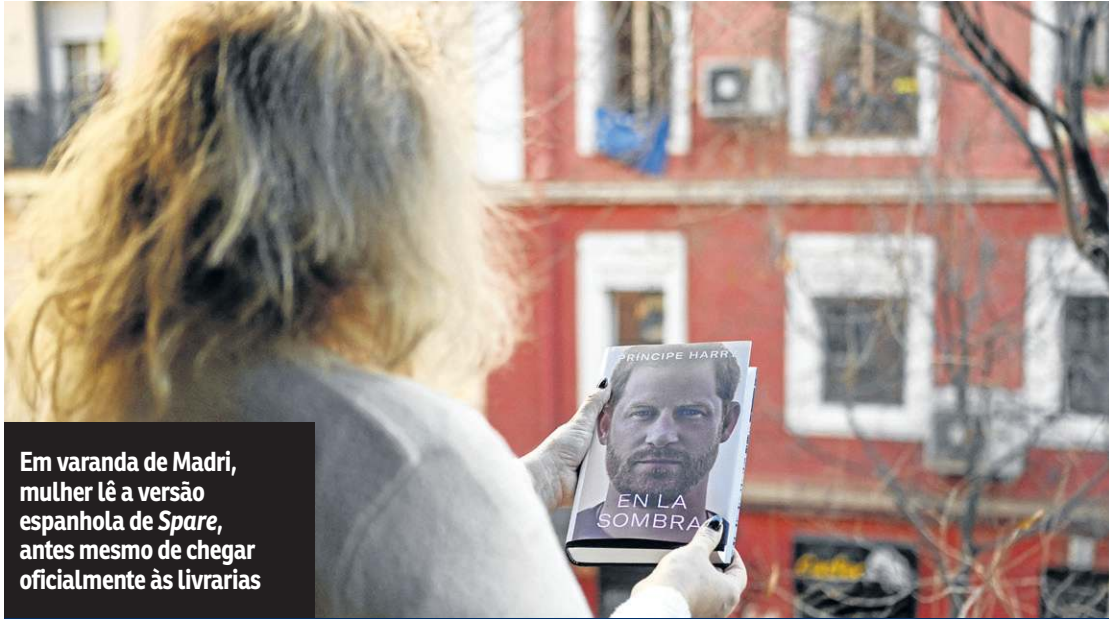
» RODRIGO CRAVEIRO

Três dias do lançamento mundial, a autobiografia do príncipe Harry — intitulada *Spare* (*O que sobra*, na versão em português) — estre-meceu os alicerces da família real britânica antes de mesmo de chegar às bancas. Em 416 páginas, o filho caçula do rei Charles III faz uma série de revelações que levaram críticos a acusá-lo de pretender “arruinar a monarquia”. Trechos vazados pela imprensa mostram que Harry usou cocaína e outras drogas; relatam que ele matou 25 talibãs, durante serviço militar no Afeganistão; e expõem o relacionamento conturbado com o irmão, William. Primeiro na linha de sucessão do trono, William o teria agredido durante discussão sobre Meghan Markle, esposa de Harry. Em 2020, Harry abdicou das funções monárquicas e mudou-se para a Califórnia com a mulher.

Especialista em direito constitucional e em política do Reino Unido, com foco em monarquia, pela Universidade de Bangor (no País de Gales), Craig Prescott admitiu ao **Correio** que a autobiografia é prejudicial à família real. “Há alegações sobre o príncipe William. Mais profundamente, o livro sugere pressões e desafios que membros da família real podem enfrentar. Isso provavelmente levará a debates sobre a reforma e o futuro da monarquia”, comentou. No entanto, o estudioso entende que o passado evidenciou situações parecidas. “Houve a abdicação do rei Edward VIII, em 1936, e as dificuldades entre Charles e a princesa Diana, no início da década de 1990. Em ambas ocasiões, a monarquia prosseguiu. Ela está em transformação, com um foco maior sobre o futuro da linha sucessória”, disse.

Prescott imaginava a possibilidade de que Harry e Meghan retornassem ao seio da família real e desempenhassem um papel importante nos próximos anos. “Agora, isso é algo muito difícil de imaginar. O livro revela a profundidade da rixa entre William e Harry, e me parece difícil ver como ela pode ser superada. Parece que Harry

Oscar del Pozo/AFP



Em varanda de Madri, mulher lê a versão espanhola de *Spare*, antes mesmo de chegar oficialmente às livrarias



Foto: Arquivo pessoal

"No livro, Harry alega preocupação com a própria segurança. Isso parece totalmente em desacordo com o fato de se vangloriar de ter matado 25 talibãs. Muitas pessoas temem que o príncipe tenha colocado um alvo na costas dele e da própria família, ao mencionar as mortes no Afeganistão. Mas há outros trechos da autobiografia que podem prejudicar a monarquia."

Jonathan Sacerdoti, jornalista britânico e comentarista sobre a família real

Eu acho...

"Vejamos se o Tribunal Penal Internacional e organizações dos direitos humanos questionarão Harry sobre esse crime e o levarão à Justiça ou se o acobertarão. Veremos se são sinceros em sua missão ou se levantam meros slogans vazios."



Mohammad Suhail Shaheen, chefe do escritório político do Talibã em Doha (Catar)

quer alguma forma de responsabilização pública ou de desculpas pelo que ele acredita ter ocorrido.”

Críticas abertas

Jonathan Sacerdoti — jornalista britânico e comentarista sobre a família real — concorda que a autobiografia de Harry é “um dos livros potencialmente mais prejudiciais para a monarquia em muitos anos”, “De forma direta, Harry ataca aspectos do comportamento de sua própria família e critica abertamente a família real como instituição. Seu ataque é tanto pessoal quanto organizacional. A forma como se refere a William mostra um claro senso de rivalidade com o irmão mais velho”, explicou à reportagem. “Mas Harry também é muito crítico em relação ao próprio rei, ao sugerir que o Palácio de Buckingham deliberadamente vazou informações contra

ele e Meghan, para de algum modo danificar sua reputação.”

De acordo com ele, os pontos mais sensíveis da obra foram as críticas diretas a Charles III e ao sistema de valores da família real. “Charles III acaba de iniciar o reinado, e parte de seu trabalho é erigir sua reputação existente, para que os súditos o apoiem cada vez mais. No livro, Harry pinta o pai como antipático e pouco carinhoso, o que não será bem recebido. O mesmo vale para William, príncipe de Gales: as tentativas de retratá-lo como explosivo e violento vão contra a imagem que ele deseja transmitir”, acrescentou Sacerdoti.

A revelação sobre as mortes de 25 talibãs atraiu críticas de militares britânicos e da própria milícia fundamentalista islâmica afegã. “Harry está colocando sal nas feridas do povo afegão”, advertiu ao **Correio** Mohammad Suhail Shaheen, chefe do escritório político do Talibã em

Doha (Catar) e ex-porta-voz. Pouco depois, ele publicou nas redes sociais que o príncipe britânico cometeu crimes contra a humanidade. “Eles (os talibãs) eram guerrilheiros pela liberdade do próprio país. Harry era um invasor, e sua causa, ilegítima. Enquanto os nossos homens eram heróis, você era o inimigo. Até hoje, todos os dias as pessoas visitam os túmulos dos heróis e honram sua memória, mas lançam maldição sobre Harry”, escreveu o talibã.

Sacerdoti ressaltou que a menção às operações no Afeganistão foi muito questionada por caracterizar as Forças Armadas britânicas de modo negativo. Na autobiografia, Harry confidenciou que pensou nos talibãs executados como “peças de xadrez removidas do tabuleiro”. “Isso sugere que Harry foi treinado para considerar aqueles que ele matou como se não fossem humanos”, disse o comentarista real.

As principais polêmicas no livro

CHARLES E CAMILLA

No livro, Harry afirmou que ele e o irmão, William, imploraram ao pai, hoje rei Charles III, para que não se casasse com Camilla Parker Bowles. Segundo o tablóide britânico *The Sun*, os irmãos tiveram encontros em separado com Camilla, antes que ela fizesse parte da família. Harry disse que ambos mostraram-se dispostos a perdoar a madrastra, caso ela fizesse Charles feliz.



Jeremy Scahill/AFP

ao perder a virgindade com uma mulher mais velha, aos 17 anos, em um descampado atrás de um pub. Segundo ele, a mulher o tratou como um “jovem garanhão”.

USO DE DROGAS

De acordo com a autobiografia, Harry cheirou uma carreira de cocaína na casa de alguém, quando tinha 17 anos, e usou a droga em outras ocasiões. No entanto, afirmou não ter gostado. Ele relatou também ter fumado maconha no banheiro do Colégio Eton, e experimentado cogumelos alucinógenos numa viagem à Califórnia, em 2016.



Reprodução/Instagram

A MORTE DE DIANA

Harry tinha 12 anos quando a princesa Diana, sua mãe, morreu em um acidente de carro em Paris, em 31 de agosto de 1997. No livro, ele detalha que Charles não o abraçou ao lhe dar a notícia sobre a morte da mãe. Harry escreveu que refez o trajeto de Diana, na noite do acidente, por acreditar que esse gesto encerraria um ciclo. De acordo com ele, isso fez com que questionasse a causa oficial da tragédia.



Dominic Lipinski/AFP

AGREDIDO PELO IRMÃO

Harry relatou que William agarrou-lhe pelo colarinho e o derrubou no chão de sua casa, em Londres. O irmão teria feito comentários sobre a cunhada Meghan, ao chamar a esposa de Harry de “rude”, “difícil” e “mordaz”. “Caf na tigela do cachorro, que rachou sob minhas costas, os pedaços me cortando. Fiquei ali por um momento, atordoado, depois me levantei e disse a ele para sair”, escreveu Harry.



Alastair Grant/AFP

PERDA DA VIRGINDADE

Humilhante. Foi o termo usado por Harry para descrever a experiência



Col Oliver Centre/AFP

BRIGA NO FUNERAL DO AVÔ

Harry e William teriam se envolvido em uma nova discussão durante o funeral do avô, o príncipe Philip, em 19 de setembro de 2022. Segundo a autobiografia, Charles colocou-se enre os filhos e fez um apelo: “Por favor, garotos. Não tornem meus últimos anos de vida uma miséria”.

TALIBÃS COMO ALVO

Harry contou que, quando foi piloto de helicóptero no Afeganistão, entre 2012 e 2013, participou de seis missões militares e matou 25 combatentes do Talibã. “Não foi uma estatística que me encheu de orgulho, mas também não me deixou envergonhado”, escreveu. “Quando me vi mergulhado no calor e na confusão do combate, não pensei naqueles 25 (talibãs) como pessoas. Eram peças de xadrez removidas do tabuleiro.”



Col Oliver Centre/AFP

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Planalto e Itamaraty na tabelinha

O desenho final da Esplanada para o terceiro governo de Lula confirmou aquilo que se esboçava desde a campanha: nos próximos quatro anos, a diplomacia presidencial voltará a exercer peso determinante na política externa, como nos dois mandatos anteriores. É o que ficou patente com a nomeação de Celso Amorim para chefiar a assessoria especial do Planalto.

Chanceler de Lula no período 2003-2010, ele não apenas dará coordenadas para o anunciado relançamento do Brasil no cenário global. Será também a ponte com o Itamaraty, agora sob comando do embaixador Mauro Vieira. Além

de ter exercido o cargo no segundo mandato de Dilma Rousseff, o novo chanceler faz parte de uma geração de diplomatas formada sob influência marcante de Amorim e daquele que foi o “número dois” do Itamaraty, o embaixador Samuel Pinheiro.

O discurso do presidente na campanha vitoriosa e as primeiras palavras de Mauro Vieira, somados às afinidades conhecidas, sugerem que Planalto e Itamaraty procurarão reeditar, na frente externa, as tabelinhas que celebrizaram no futebol duplas como a formada por Pelé e Coutinho, no Santos dos anos 1960 — por sinal, o time do coração de Celso Amorim.

Ensaio geral

A maratona de encontros mantida por Lula com chefes de Estado e governo logo no dia seguinte à posse serviu como uma espécie de ensaio geral para a esperada reestrela da diplomacia presidencial. Ainda no fim do mês, a primeira viagem oficial ao exterior terá como destino a Argentina e como propósito uma reunião da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac).

Rearticular as iniciativas de integração regional lançadas no primeiro período em que ocupou o Planalto é uma das prioridades de Lula na frente diplomática. Se a Celac tem alcance mais abrangente e inclui aliados de longa data, como Cuba, a expectativa maior é dos vizinhos mais próximos. Os presidentes Alberto Fernández (Argentina),

Gabriel Boric (Chile) e Gustavo Petro (Colômbia) estiveram entre os que se reuniram com o novo colega na segunda-feira inaugural. Em pauta, os passos a serem dados para revigorar a Unasul, esvaziada por Bolsonaro e outros representantes do ciclo recente de governos de direita.

Retorno à vista

Um dos braços visíveis da reorientação em curso na política externa foi exposto na composição dos altos escalões do Ministério da Saúde. Entre as primeiras decisões anunciadas está o relançamento do programa Mais Médicos, criado por Dilma em 2013 e encerrado por Bolsonaro logo nos primeiros meses de mandato. Em particular, como expressão de seu alinhamento incondicional com a Casa Branca de Donald Trump, o agora ex-presidente mandou de volta para casa os

profissionais cubanos que marcaram presença em periferias e em rincões do interior.

O Mais Médicos vai voltar com abertura de vagas para estrangeiros, mensagem que parece ter Cuba como destinatária preferencial. Na posse, a ilha foi representada pelo vice-presidente Salvador Valdés, outro dos visitantes que estiveram com Lula.

Queda de braço

Reafirmada como parceira de primeira linha, a Argentina se apresenta como incógnita e desafio para o presidente desde os primeiros dias de mandato. Alberto Fernández, eleito pela Frente de Todos, tendência de centro-esquerda abrigada sob o guarda-chuva histórico do peronismo, está às voltas com o Judiciário. Mal retornado da visita a Brasília, deu a largada para a tramitação de um pedido de

impeachment da Corte Suprema, a quem acusa de “invadir competências exclusivas” do Executivo e do Judiciário.

A bancada governista na Câmara tem a maioria simples requerida para dar início às investigações. Mas são necessários os votos de dois terços dos deputados e dos senadores para aprovar a destituição dos quatro magistrados que compõem a Corte no momento — a quinta cadeira está vaga.

Além de um entrevero recente sobre repartição de recursos fiscais, no qual a instância máxima deu ganho de causa ao governo (oposicionista) da Província de Buenos Aires, Fernández trava com o Judiciário uma queda de braço por procuração. A vice-presidente, Cristina Kirchner, vem de ser condenada por corrupção nos anos em que ela e o marido, Néstor, ocuparam a Casa Rosada. Caso a Suprema Corte confirme a sentença, Cristina perderá o cargo e os direitos políticos.